



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha — Lisboa • Telefone 7
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A MATILHA

Uma inestimável matilha de galgos esfaimados, desses que por aí mostram vadiando, as ventas atadas por uma insaciável gula, sófregos sempre, por mais que sintam a pansa, e sempre vigilantes, em cata de novas presas descuidadas, — uma inestimável matilha de galgos esfaimados há muito vem farejando banquete lauto e fácil na pessoa de qualquer banqueiro, em cujos coxos os escudos se acomodam abundantes, contados por milhares, ao que se diz e é notório. Tão-bem bolo, assim luzente e apetitoso, pôe no ar o focinho do tola a canzoada; e bastas vezes a matilha tem sido surpreendida, atido à lua, em esganicantes descompostos, pois não consente a natureza que os cães sofram, sem que a voracidade se lhes revele, a proximidade farejada dum petisco. Todavia, o salto à presa apresentava dificuldades sérias, as entradas estando defendidas, mostrando-se difícil o acesso, e toda erigida de perigos a arrebatada. A canzoada esperou então, contra vontade, o momento oportuno, e quedou-se silenciosa, aguardando a custo o apetite — não silenciosa que não fossem ouvidos, de quando em quando, afrouxados clamores, daqueles que a afregada provoca.

Organizou a matilha um firme assédio em torno das defesas que detinham o seu assalto esgalgado, sempre em busca de fresta ou de pretexto por onde, com disfarces cautelosos, e nas trevas nocturnas, se ingressasse, a tancar finalmente a dentuça na presa tão visiosamente desejada e tam acaladamente perseguida. E eis que uma noite, acometida da cegueira, ou cubilha lhe impunha por caso, acreditando comodamente no desejo, tomando a nuvem por Juno, e as pedras por ossos, alga a matilha ver uma porta aberta no muro até então impenetrável.

Dois ou três galgos se arrojam, um denodo ou descaro, para chegar primeiro e sacar do festim a melhor parte. Esses mesmo se perdem. Um escavaça, na dureza da pedra, a afilada foinheira. Outro, insinua meio corpo na fresta, e tomara por passagem; esforça-se, contorce-se, adelgaça-se, e não percebe-las, muda de assunto, e faz, na entente que ontem publicou, uma gritaria que nem de perto nem de longe se relaciona com os formais convites que daqui lhe fizeram para fundamentar as insidias calunias. A questão está neste pé. E, naturalmente, neste pé continuará.

FALANDO CLARO
A vitória parecê-lo ter compreendido o que nosso número de anteontem não nos respeitava os jornais de defenderem o aumento de tarifas, e a Companhia Carris tanto desejava ser realizado. A propósito desta questão, não fomos outros jornais, a vitória, e não o fizemos de ânimo leve, querendo o delegado da Companhia Carris, que também nos propôs esse aumento de tarifas, que nós não só recusamos como denunciámos, disse-nos nessa ocasião, admirado da nossa recusa, que todos os outros jornais tinham aceite a mesma proposta que nós tínhamos rejeitado.

Effectivamente, passado dias começamos a ver em vários jornais, como O Estado, O Diário de Notícias, A Situação e A Vitória, defesas rasgadas do aumento de tarifas. Teriam estes jornais recebido dinheiro da Carris?

As palavras do referido delegado que se quizesse comprar, assim o indicam. Outros quem jornalístico, ao ver todos os outros defender uma causa suspeita, não devia colaborar nessa defeza.

Aqui está, pois, a linguagem clara que a vitória exige.

Atentado no café Pompeya
Se que já appareceu o seu autor BARCELONA, 23. — Eduardo Peret accusou ser o autor do atentado do Pompeya. — Rádio.

A insidia
A arma predilecta dos políticos

BERLIM, 23. — Na região do Ruhr foi aberto um movimento sedicioso, provocado por vários agentes provocadores polacos. As autoridades alemãs prenderam a vários destes chefes baseados elementos comprometedores, sendo os quais os polacos se porem em contacto com os comunistas alemães com o fim de promover uma greve na região do Ruhr e impedir que a Alemanha cumprisse os compromissos contraídos em Spa.

Os polacos contavam então que a greve occupasse a região do Ruhr depois todas as facilidades à Polónia.

As autoridades instauraram um processo de alta tração. — Rádio.

Poi eleito o sr. Millerand
PARIS, 23. — O sr. Millerand foi eleito presidente da república francesa. — Rádio.

O calote do Estado
Os agentes de fiscalização do Ministério da Agricultura, que do especial, queixam-se de que ainda não lhes foram pagos os vencimentos de ajudas de custo e transportes desde Maio do ano findo, apesar das respectivas folhas já estarem na repartição da contabilidade, mas esta, ainda não as viu nem mandou a respectiva ordem de pagamento, o que causa graves transtornos aos mesmos funcionários.

As greves em Espanha
E' regida a proposta do delegado do governo

RIO TINTO, 23. — Os operários repudiaram a fórmula proposta e apresentada pelo delegado do ministério do Trabalho. — Rádio.

Greve da construção civil
SABADEL, 23. — Esta greve os operários da construção civil. Em toda a provincia há grandes temporais. — Rádio.

Greve solucionada
HUELVA, 23. — Recomeçou o trabalho nas fábricas de farinhas. — Rádio.

O estado de Mac Swiney
Correm boatos a propósito da sua greve

LONDRES, 23. — Esta tarde a família do Lord Mayor de Cork desmente os boatos que correm e segundo os quais o seu parente recabaria alimentos de alguma pessoa que lá visitou à prisão de Brixton. O estado de saúde do Mac Swiney continua sendo o mesmo.

Notas de além fronteiras

As atrocidades da burguesia polaca

O general Latnik, governador de Varsóvia, fazendo uso dos seus poderes, proclamou o estado de sítio nesta cidade, sendo dirigido como é costume, todo o rigor da ditadura militar contra o proletariado organizado.

Só na capital foram presos mais de mil membros do partido comunista operário com os pretextos mais ridículos.

Estão novamente em vigor os parágrafos do antigo código russo que diziam respeito ao movimento revolucionário, e que se celebrizaram tam tristemente pelo mundo inteiro.

As prisões da cidade de Varsóvia estão sob a dependência da agora já célebre «Ochra», famosa organização de delatores encarregados de vigiar pela disciplina e pelo «espírito são» do exército.

O regime militar usa especial brutalidade contra os judeus. A censura proíbe todos os jornais escritos em hebreu, tanto socialistas como burgueses, e os órgãos oficiais instigam abertamente a população a fazer «pogroms».

A plebe inclina-se continuamente e fanatizada pelos nacionalistas procura apoderar-se dos revolucionários presos para os linchar nas ruas e pendurá-los nos candieiros. A própria imprensa não esconde que se aproxima uma nova «matança de S. Bartolomeu» contra os operários.

Os principais instrumentos de reacção são os estudantes nacionalistas, pertencentes ao corpo voluntário da «Ochra».

Chegou à Itália trigo da Rússia
O vapor «Pietro Calvi» que foi levar à Rússia os prisioneiros da Albânia, voltou à Itália completamente carregado de trigo destinado pelas Cooperativas russas às Cooperativas italianas.

Esta remessa deve-se unicamente à iniciativa do proletariado de Odessa, que nada tendo pronto, fez em 9 dias verdadeiros milagres. A esta obra dedicaram toda a sua energia as uniões profissionais dos ferroviários e dos trabalhadores do porto, sacrificando até o domingo.

No momento da partida foi feita uma solene manifestação ao proletariado italiano, tendo falado representantes do exército vermelho, das Uniões profissionais, dos Sovietes de Odessa e um soldado russo, que discursando em italiano, assegurou que a Rússia, apesar de todas as desgraças causadas pela guerra, faria tudo quanto fosse possível para auxiliar o proletariado italiano e europeu, repartindo com elle todos os seus produtos.

A Rússia exige o armamento do povo polaco
Nas propostas feitas à Polónia, a Rússia apresentou um pacto inteiramente novo nos tratados de paz até hoje concluídos entre os Estados burgueses, comprovando que não é contra o povo polaco, mas contra a oligarquia que o domina e explora, que a República dos Sovietes dirige actualmente a guerra.

A Rússia exige que o exército polaco permanente seja reduzido a 50.000 homens, mas ao mesmo tempo reclama que sejam dadas armas e todos os trabalhadores, pois que sabe muito bem que é esta a única maneira de impedir que as classes dominantes, no futuro, se tornem a meter em novas aventuras guerreiras.

Está claro, que as chancelarias de Londres e Paris já não permitirão que esta cláusula seja aceite pelo governo polaco, — pois que antes prefeririam ver toda a Polónia esclafada do que governada pelo próprio povo, — mas apesar disso, e embora sem efficacia, o belo gesto dos revolucionários russos conservará sempre toda a sua alta significação moral.

Os socialistas tcheco-eslovacos a favor da Rússia
O comité do partido socialista tcheco-eslovaco e o comité da União sindicalista enviaram ao partido trabalhista inglês um telegrama de saudação, garantindo-lhe que o proletariado tcheco-eslovaco estaria sempre ao lado dos trabalhadores ingleses contra os que pretendessem agredir a Rússia dos Sovietes.

Em Praga e em numerosas cidades da Boémia e de Moravia organizaram grandiosos comícios, para que fosse guardada a mais estrita neutralidade no conflito russo-polaco.

Associação dos Trabalhadores Rurais de Sáfara
Os lavradores de Sáfara, por virem que os trabalhadores rurais tinham organizado o seu sindicato, trataram de empregar os seus esforços para acabar com elle. Assim conseguiram que elle fosse fechado, a ordem do administrador de Moura, dizendo-se até que os lavradores prometeram a um cidadão daquella villa a quantia de 250\$000 para conseguir que ella fechasse de vez, e que o governador civil do distrito não assinava os estatutos nem o administrador do concelho dava licença para reuniões.

Estas perseguições tem servido para criar mais entusiasmo pela associação, que há de viver, embora isso pese aos lavradores que não querem que os operários se organizem.

Conselho Jurídico da C. G. T.
O advogado deste Conselho, dr. Sobralde Campos, recomeça hoje, às 21 horas, as suas consultas semanais.

Continuam as forças militares nas linhas do Sul e Sueste, não se justificando tal procedimento do governo

Quando os ferroviários do Estado começaram há pouco a estudar as reclamações que haviam de apresentar ao governo para melhoria de situação, motivada pela carestia de todos os géneros de primeira necessidade, que tem atingido ultimamente um preço fabuloso, logo alguns jornais, sempre prontos a fantasiar notícias de espanto para armar à popularidade, disseminaram que aquella classe iria para a greve caracteristicamente revolucionária. Bordaram-se as mais inconcebíveis patranhas, sempre no fito de darem notícias em primeira mão, inventando-se mil e uma maneiras de indispor o governo e o povo com os ferroviários.

No entanto, essas notícias não tinham razão que as justificasse. As sessões decorreram por toda a linha, com mais ou menos calor, discutindo os ferroviários as reclamações. Apresentaram-as ao governo; e, quando as coisas poderiam tomar um caminho sereno, surgem notas officias em que se adivinha o propósito de corroborar as noticias publicadas por jornais que nunca mentem.

Aqueles que deviam ponderar a situação, em vez de darem uma resposta franca, começaram por mandar tropas para toda a rede do Sul e Sueste, como se de facto para isso houvesse razões, ficando agora todos os serviços a ser dirigidos por uma entidade militar.

Não podemos de momento calcular as despesas elevadíssimas que a deslocação de tropas, em tam grande quantidade, pode fazer. Porém, elas não devem ser pequenas; e para isso sempre apparece dinheiro que não há para aceder às reclamações dos que trabalham.

O pessoal, apesar da afronta que vem sofrendo, mantém-se sereno, nada tendo resolvido sobre declaração de greve, parecendo até que estas medidas não são mais que uma provocação para que se não lancem os ferroviários, para depois poderem justificar a attitude tomada.

Assim, com tal procedimento, devem estar satisfeitos os jornais que tanto endeusam a patética iniciativa dos ferroviários do Sul e Sueste pela sua campanha pró-mina de Santa Suzana, mas que não tiveram pejo de dias depois os accusarem de pretenderem levar a prática um movimento revolucionário.

Nota officiosa da comissão dos melhoramentos dos ferroviários do Estado
«Mantém-se estacionária a situação, estando todos os serviços ferroviários entregues ao poder militar.

Constatou-se a deslidade de alguma imprensa que se recusa a publicar as notas officias desta Comissão. A publicação do decreto sobre a entrega dos Caminhos de Ferro a uma comissão militar presidida pelo comandante do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, em cousa alguma modificou o estado de espirito do pessoal que é sereno e correcto, dispondo-se a suportar todas as violências que o governo entenda dever praticar, constituindo juiz desse procedimento a opinião pública.

A quanto presem a justiça e a verdade, recorda esta comissão os artigos da imprensa sobre a mina de Santa Suzana, e as referências que se fizeram aos ferroviários, a propósito da campanha por estes levantada em todo o país, em contraste com as accusações que o governo lhes tem feito.

Segura da responsabilidade que sobre o governo e o Conselho de Administração pesa, nas consequências que resultarão desta situação para o público, cujo espirito se acha alarmado, esta comissão espera que justiça o mesmo público fará aos ferroviários.

A despeza feita pelo governo com a força armada é superior ao aumento, que depois, de negociado, os ferroviários poderiam obter.

Nota officiosa dos representantes do pessoal do Minho e Douro
Tendo apparecido na imprensa umas noticias sobre os ferroviários do Minho Douro, attribuindo ao pessoal de máquinas declarações que não são verdadeiras, os representantes dos ferroviários daquela rede declaram estar identificados com o pessoal do Sul e Sueste, pois lhes foram dados plenos poderes pela respectiva assembleia, sendo tais afirmações obra de vários intrusos com intuitos reservados, não merecendo, portanto, valor algum. — Os representantes do pessoal do Minho e Douro.

MUNIÇÕES PARA «A BATALHA»

Transporte..... 12.480\$73

Joaquim Augusto Serra \$50
Raul da Purificação \$100
Francisco da Cunha \$100
João Pedro da Purificação \$50
Serafim Rodrigues \$50
João Pereira \$325
Mário Júlio Pereira \$100
Guilhermina Santos \$50
Queite na Tipografia Caldense \$1050
Mãe da sr.ª D. Leopoldina Mesquita \$350
João Lourenço \$100
Custódio dos Santos \$50
João Miranda \$50
Grimaldo Ajuda \$100
Alberto da Silva \$100
Vicente Diniz \$100
António José Roque \$50
António Manuel (Odemira) \$250
José Rodrigues Tama \$50
Mário Marques Flora \$250
Francisco A. Cesar \$250
Queite entre os fogos e chegadores da A. M. \$145
Alberto Dias \$20
Elisa da Conceição \$20
Palma da Conceição \$20
Lucilia Vaz \$20
Alexandrina Fernandes \$10
Mário Fernandes \$10

Queite na Fábrica de Moagem do Beato:
José Roquete \$100
Salomão Pereira \$100
José Pedro Fernandes \$100
José Maria Ferreira \$50
Vitor dos Santos \$50
João Simões \$50
António Vicente \$50
Manuel Carneiro \$50
Joaquim Rodrigues \$50
Francisco de Oliveira \$50
António Luís Almeida \$50
José Duarte Martins \$50

Queite em Aveiro
Associação da Construção Civil \$2500
Associação dos Manufatureiros de Calçado \$500
Francisco José Marques \$100
Augusto Cadete \$250
José Casimiro \$50
Luís Pereira Campos \$100
Carlos Correa da Costa \$50
António Faustino Pereira Júnior \$50
Jaime Graça \$50
Carlos José Marques \$50
Alvaro Naia \$50
Manuel Marques de Almeida Júnior \$50
Isaías Telles \$50
Manuel Moraes \$50
Pompílio Quatter Dias \$100
Francisco Costa \$50
José dos Santos Paula \$50
João Ferreira da Fonseca \$100
Alfredo Pinho Vinagre \$10
Mário Guedes \$50

Transporte..... 12.565\$93

Alberto Reis \$50
Alvaro Ferreira \$20
Manuel Barros \$20
João Paula Júnior \$50
João Monteiro \$50
Alexandre Pereira \$50
Amaro Correa da Costa \$50
Manuel Leal \$50
Domingos Pereira Campos \$50
Júlio Pereira Campos \$250
António Rodrigues Pereira \$250
Artur dos Santos Ribeiro \$250
Elísio Faustino Duarte \$250
Albino Sampaio \$250
Pedro de Oliveira \$100
José Pinto Braga \$50
José Maria Andrade \$100
Firmão Cadete \$250
José Maria Lopes Gamelas \$50
Clemente Conceição \$50
José dos Santos Gamelas \$50
Tomás Rodrigues \$100
António Santos Rolata \$100
Leonel da Silva \$50
António Bernardo Abrantes \$50
Pedro Fernandes \$250
Francisco de Assunção \$50
Luís Calixto \$50
João dos Anjos \$50
Manuel da Costa Carneira \$50
Carlos Soares \$50
Manuel Ricardo \$50
José Moraes \$50
Antero Ricardo \$100
João Ferreira \$50
Manuel Maria Freire \$50
Pompílio Simão \$50
Eduardo Simões Amaro \$50
Manuel Augusto Picado \$50
Hipólito F. Carvalho \$50
Carlos Freitas \$50
Manuel António Lopes \$50
José dos Santos Bartolomeu \$50
J. R. \$50
Nicolau Génio Rava \$50
António do Amaral Partura \$50
João Rodrigues Lemos \$50
Firmão Costa \$120
João Rodrigues Lima Júnior \$30
Armando da Silva Moraes \$30
António Pinheiro Palpista \$30
Armando Simaria \$30
João Monteiro \$30
Elviro da Graça \$50

Queite em Peniche
Associação dos Soldadores \$500
José Estevão Farinha \$100
Francisco Figueiras \$50
José Alexandre \$50
Feliciano dos Santos \$50
Luciano Pinto \$50
António Pinto Correa \$50
Joaquim Alves \$50
Francisco dos Reis Santos \$50
José Moreira \$50
Adolfo Costa \$50
António Pinto Monteiro \$50
Delífil da Costa \$50
Francisco Rio \$50
Manuel Dias \$10

A transportar..... 12.565\$93

A transportar..... 12.616\$93

OS FERROVIÁRIOS DO ESTADO O CONFLITO SOCIAL NA ITALIA

DUAS TENDENCIAS:

Ficar a meio caminho ou ir até ao fim?

Pela leitura dos jornais ultimamente chegados da Itália vê-se que o desenrolar dos acontecimentos veio trazer a lume duas tendências no movimento que ora se desenvolve naquella páiz. Uma é a de que o movimento deve limitar-se a conseguir que os industriais aceitem a fiscalização operária nas fábricas a fim de que os trabalhadores possam identificar-se com o verdadeiro estado das indústrias, o seu funcionamento técnico e financeiro e de que a organização operária, por meio da sua representação nas fábricas, possa contribuir para a boa aplicação dos regulamentos, fiscalizar o aumento ou a diminuição do pessoal e favorecer assim o desenvolvimento normal da vida nas officinas com a necessária disciplina.

Acite pelos industriais esta conquista, os operários abandonarão as officinas aos seus antigos detentores, passando o trabalho a exercer-se sob esta nova base. E' esta a orientação dada ao movimento pelo partido socialista e pela Confederação Geral do Trabalho, estando de acordo com ela as organizações operárias católicas e o partido reformista.

A outra tendência é a de que, estando os operários senhores da situação, como de facto estão, não devem ficar a meio caminho mas sim apoderar-se do resto das fábricas e começar a expropriação para instituir o regime comunista. São deste parecer e nesse sentido actuaem, várias organizações operárias entre as quais a União Sindical Italiana e a Federação Anarquista e os sindicalistas revolucionários que, reunidos, fazem todos os esforços para que o operariado não deixe escapar a ocasião que se lhe offerece de acabar de vez com o odioso regime capitalista.

Unanidade Nova, que, como se sabe, é dirigida pelo velho revolucionário Henrique Malatesta, escreve:

«O novo método de acção revolucionária iniciado pelos operários metalúrgicos, de tomar posse das fábricas, se fosse seguido por todas as outras categorias de trabalhadores, isto é, pela expropriação de todas as outras fábricas, da terra, das minas, das embarcações, da rede ferroviária, de toda a espécie de depósitos de mercadorias, dos moinhos, dos armazéns, das casas, etc., levar-nos-hia à revolução; seria fazer a revolução sem verter uma gota de sangue. E isto, que até ontem parecia um sonho, começa a parecer uma coisa fácil dado o estado de ânimo do proletariado e a rapidez com que as iniciativas revolucionárias se propagam e se intensificam.

Mas esta nossa esperança não significa de forma nenhuma que esperemos que as classes privilegiadas reconheçam o seu erro, que acreditem na passividade do governo. Nada disso. Conhecedes todo o rancor e toda a ferocidade da burguesia e do seu governo; sabemos que hoje como sempre os privilegiados não renunciam a não ser quando os contrangidos pela força ou pelo medo da força — e se por um instante possederem esquecido a conduta diária e os propósitos manifestados pelos indústrias e pelo governo, com os seus guardas reais, os seus carabinheiros e os seus esbirros assalariados, fardados ou não, a pãnsua, tudo isso seria o bastante para no-lo recordar. Avivar-nos-ia a memória o sangue dos proletários, o sangue dos nossos companheiros assassinados. Mas nós sabemos, porém, que o mais violento dos prepotentes, se torna manso, mansíssimo, se tem a sensação de que vai cair. E é por isso que recomendamos aos trabalhadores que se preparem para a luta material, que se armem, que se mostrem decididos a defender-se e a atacar. O problema é e continua sendo um problema de força.

A expressão sem uma gota de sangue, tomada à letra, será infelizmente um modo de dizer, mas o certo é que quanto melhor armados estiverem os trabalhadores, quanto mais decididos estiverem em não hesitar ante nenhum extremo, tanto menos sanguinolento será a revolução. Esta nobre aspiração de não verter sangue, ou de vertê-lo o menos possível deve servir ao operariado de estímulo a que se arme sempre e cada vez mais. Quanto mais fortes formos, menos sangue correrá.

No mesmo jornal lê-se mais adiante: «Trabalhadores! A revolução social bate à porta e reclama toda a vossa atenção, a fim de que não sejais tomados em armatizos no tremulhão decisivo em que vai ser precipitada a crise que mina a sociedade burguesa e para evitar que o movimento de emancipação tam bem iniciado e que nos deve trazer a liberdade e o bem estar para todos, se transforma num agravamento de tirania e de miséria. No momento em que o mundo capitalístico e estatal vacilla sobre os seus alicerces e desde a Rússia em revolução até a Espanha em tumulto, desde a pequena Irlanda até as grandes Índias longínquas o sopro da revolta se torna cada vez mais impetuoso e demolidor também na Itália os factos amadurecem com extrema rapidez. A occupação de muitas centenas de estabelecimentos e officinas por parte dos operários, não só da industria de metalurgia, mas das indústrias mineiras, as de produtos químicos, as da borracha, etc., foi a autentica abertura das hostilidades revolucionárias. Vós todos, oh! trabalhadores, o sentis; sois solidários com os vossos companheiros que já desceram à luta e preparais-vos para participar também na grande batalha.»

Noutas passagens do mesmo diário os trabalhadores são incitados a não entregarem as fábricas aos seus antigos possuidores, não acatando o acordo que a C. G. T. e o Partido Socialista

pretendem fazer com o patronato, nem se sentindo.

No entanto, **Unanidade Nova**, prevendo que este acordo se realize, conclui: «De qualquer modo que termine esta luta, mesmo no caso de que o partido da montanha da occupação das fábricas officinas, seja o ratinho de um accordo económico e de algumas conquistas politicas, nada está ainda perdido, apenas uma transferência de tempo. O proletariado agora conhece o caminho a seguir e os obstáculos que nesse caminho se encontram e, sobretudo, aprendeu que nem agora nem nunca poderá contar senão com o seu esforço. Não quer mais contar com o esforço dos outros, não quer esperar outra vez que os seus dirigentes económicos venha a ordem do assalto, porque estes não podem dar-lhe; não quer esperar deles nem o *marche* nem o *alto* e não marcará passo à espera do exito do *referendum* dos organizados. Antes pelo contrario, encaminhar-se há seguro por si mesmo, com a sua intuição e a sua vontade, para a sua vitória sabendo que são então os dirigentes o seguirão, que só então, — depois da coisa feita — o encorajarão».

Este clamor dos extremistas não é em vão, deve dizer-se, porque, de facto, em muitas officinas occupadas pelos operários, causou indignação e descontentamento o accordo que se pretende fazer, e os operários estão na firme disposição de não abandonarem as fábricas mesmo que o accordo seja aceite pelos industriais. Estes, por seu lado, com a sua estúpida inconsciência, estão ainda arrogantes e só admitem a fiscalização operária nas suas officinas, mediante algumas restrições que os operários não estão dispostos a aceitar.

O governo, conhecedor da situação, vendo-se impotente para deter a avalanche supplica aos patrões que aceitem a fiscalização, dos dois males o menor, tanto que, por meio dessa colaboração de classes, se possa salvar, por algum tempo ainda, a carangueijola estatal. Mas os patrões estão, ainda assim, renitentes, cegos de todo, não vendo que não tem um minuto a perder se não querem comprometer a sua situação de parasitas.

Por seu lado toda a classe operária, vendo a demora em solucionar o conflito, vai occupando cada vez mais fábricas e officinas, para não perder tempo. Tudo isto faz prever que o movimento, a continuar este estado de cousas, se precipita — e que serão satisfeitos os desejos dos extremistas, isto é: que o comunismo será um facto na Itália.

Aguardemos, espectadores impotentes que nós somos, o resultado da pacífica peleja.

Sobre a campanha nativista
Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Sr. director do jornal A Batalha. — A carta que o sr. João Lage, nosso compatriota, director do *Paiz* no Rio, publicou a 7 do corrente, nas columnas do jornal A Pátria, obrigou-me a alguns comentários que a minha qualidade de ex-membro da colónia portuguesa do Brasil, me não permite calar dentro de alma.

Após algumas considerações menos exactas sobre a campanha nativista dos brasileiros contra nós, termina a ex.ª por dizer que a situação que o português gosa no Brasil é de uma situação de inferioridade bem lá como se estivesse em sua pátria.

Ora esta afirmação carece de ser rectificada, porquanto, em presença da legislação brasileira e portuguesa, nas suas relações com o Estado, gosa dos direitos e deveres inerentes a qualquer outro estrangeiro.

Não tínhamos nós mesmos a incorreção de por uma situação de inferioridade ou privilégio que seria atentatória dos direitos das demais colónias estrangeiras. Que nos tratesse como a estas e dar-nos-iamos por satisfeitos.

Mas não. O privilégio de que por lá gosa o português é negativo, como passo a provar:

No Brasil o português, devido a uma natural passividade ou mesmo a uma constância tímida que provém da incultura que o esmagou, devido ainda à incúria dos nossos representantes consulares, é vítima de todos os exaltações por parte das autoridades, que nunca vimos praticar nas pessoas dos restantes estrangeiros, durante uns nove annos que por lá annos.

A policia por ter sido criada, única e exclusivamente, para o perseguir e martirizar, pois que, se algum irmão nosso não nas mãos é supellido, torturado e agredido por processos que fariam inveja aos tribunais do santo officio.

Logo passa-se na capital federal todos os dias, como se ex.ª o sr. João Lage não é capaz de contestar.

A imprensa carioca, ao relatar qualquer crime, põe sempre, como coroa que não se desgracemos que não conseguimos, um luto pela existência, conquistar uma vantajosa situação material.

O commercio e as indústrias, nas suas relações com os autôcos, pagam, a avaliação quantas, qualquer licença de que necessitam para o exercicio do seu misterio, pois, caso contrario, são tam onerosas as multas expressas pelo fisco quanto as multas permitidas com desajô, labrar nas suas profissões. Acusam-nos, por lá de que temos por única tendência, o negocio, o commercio. Dizerem que necessitam de braços para cultivarem os seus campos, trabalho para o qual os nossos irmãos tem negação. Pingem desconhecido o que corre entre a colônia e o respeito do logro que tem vindo dos nossos patriotas, nas suas ligações com os fazendeiros, no interior.

Quanto à campanha nativista, o sr. João Lage é a pessoa que necessitam de braços para cultivarem os seus campos, trabalho para o qual os nossos irmãos tem negação. Pingem desconhecido o que corre entre a colônia e o respeito do logro que tem vindo dos nossos patriotas, nas suas ligações com os fazendeiros, no interior.

Quanto à campanha nativista, o sr. João Lage é a pessoa que necessitam de braços para cultivarem os seus campos, trabalho para o qual os nossos irmãos tem negação. Pingem desconhecido o que corre entre a colônia e o respeito do logro que tem vindo dos nossos patriotas, nas suas ligações com os fazendeiros, no interior.

Acidentes de trabalho

Seguro obrigatório
O *Diário do Governo* de 22 de Novembro de 1919 publica o modelo da caderneta profissional, que todos os patrões são obrigados a fornecer a todo o seu pessoal.

em conformidade com a nova lei de 10 de Maio de 1910.

A **MUNDIAL**, a fim de facilitar aos seus leitores o cumprimento da nova lei, fornece gratuitamente as referidas cadernetas.

Pedidos das cadernetas bem como dos exemplares da nova lei à



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
CAPITAL, 500.000\$00
RESERVAS: 403.402\$76,7
Sede em Lisboa—Rua Garrett, 95
Telefone 4084
Delegação no Porto—Rua Sá de
Bandeira, 331, 1.º

CORREA
Nitrate-Mercurio

Fornecedor dos
Empregados dos
Caminhos de Ferro
Portugueses,
do Sul e Sueste,
da Caixa dos Ope-
rários da Câmara
Municipal de Lis-
boa e da Coope-
rativa da Fábrica
de Material de
Guerra.

Variação sorte

mento de lanifícios para homens e senhoras, pa-
drões da moda,
preços limita-
dos.

ALFAIATARIA
Especialidade
em fatos, sobre-
tudos, capas, ale-
tejanas e casacos

de senhora já confeccionados, tudo
pelos figurinos da moda.

256-Rua dos Fanqueiros-255

CLINICA DENTÁRIA
BARROS MARINHAS

Extrações dentes por anestesia esp.
cial. Colocação dentes fixos e com placa

25-Rua da Assunção-25
(Esquina da R, da Prata)

ESTRELA

SAPATEIRO
APRENDIZ precisa-se—Rua Com
Freire, 150, ric.

**Cotações de folha
e chapa de cobre
e outros materiais**

As melhores dá

A. Telles Machado
Representante da casa

John P. Quinn de Liverpool

Rua de S. Julião, 23
Telefone 3742 C

GRANDE OFICINA
DE
CESTEIRO
Fazem-se com perfeição e rapidez:
Assentos de automóveis e outros
ros.
Mobílias de verga, cestos para

Conservam-se todos os artefactos
respeitando a esta indústria.
Ha sempre grande sortido de cestas
em todos os feitos.
Unica casa em Portugal que acita
grandes encomendas por preços sem
ténia.

Calçada do Monte, 31
LISBOA

CAI

Na Secretaria do Conselho
de Administração da Construção dos Bairros Sociais, Rua do Arco do Cego, 54, l.º, re-

cebem-se propostas em carta fechada, para o fornecimento de cal, até às 12 horas do dia 30 do corrente.

O Secretario
João Gonçalves

MARQUES
os bons escritórios

Telephone 2.676 C.

DE ALCANTARA 705

DE
NU VERÍSSIMO
cantara, 37
o Livramento, 111 e 113
novo e usados e toda a qualidade de
quarto, casa de jantar, escritório etc.
010 de desconto aos assinantes de

This image shows a blank, aged, cream-colored page, likely an endpaper or flyleaf of a book. The paper has a slightly textured appearance with some minor discoloration and a small dark spot near the top center. A faint, circular stain is visible near the bottom center. The page is set against a dark background.